

Ecossistemas OnLife

**Sandro
Jorge**



As atuais dinâmicas sociais, económicas e pedagógicas sofrem significativas transformações pelas diferentes utilizações das tecnologias de informação e comunicação (TIC), provocando constantes reconfigurações dos demais ecossistemas e ambientes reais e virtuais. Ignorar a interação cada vez mais hiperconectada entre ser humano-TIC, será porventura descurar o potencial individual e coletivo em termos de inovação, modernização e de transição. Impõe-se, por isso, a questão: o que, com quem e como fazer a transição digital?

A incerteza de acomodação ao novo contexto pandémico, trouxe-nos entropia desmedida, imprudência descuidada, visão negacionista da realidade emergente, cuja implantação das TIC e a sua aceitação (in)consciente impacta sobremaneira na nossa condição huma-

na, na medida em que modifica a nossa relação connosco, com os outros e com o mundo. A transição digital, não planeada, desprovida de quadros normativos políticos, de referência concetual, de multiteracias interdependentes, colapsará com as nossas estruturas de referência (pessoais, coletivas e organizacionais), e aumentará o fosso de novos e velhos processos de exclusão. O atual florescimento de dispositivos, sensores, aplicativos, dispositivos tecnológicos emergenciais, torna-se omnipresente no nosso quotidiano, alimenta desmedidamente a inteligência artificial, sendo esta outrora, o futuro de amanhã para acontecer, para tornar a ser o presente de hoje a acontecer.

O conceito OnLife, introduzido pela Comissão Europeia, através do projeto Iniciativa OnLife, concebido na lógica de compreender o sentido do ser humano na realidade hiperconectada, resultando daí 'O Manifesto OnLife' (2015), onde no seu essencial preconiza a separação, entre o offline e o online, sustentando-se a ideia de que as TIC, jamais serão entendidas como meras ferramentas digitais, mas antes sim, como contextos ambien-

tais auxiliares que impactam nos nossos autoconceitos (como significamos), as nossas interações (como fazemos e socializamos) e a forma como moldamos processos de ensino-aprendizagem.

Torna-se, por isso, urgente e necessário conceber paradigmas inclusivos e sustentáveis com linhas de ação estratégicas holísticas, capacitadoras de desenvolver ecossistemas eficazes e amigáveis dos concidadãos, dotadas de infraestrutura e conectividades fidedignas.

Neste caso particular, a Universidade Aberta (UAb), enquanto universidade pública portuguesa de educação a distância, tem a acrescida coresponsabilidade de continuar a desenvolver qualificações concertadas e complementares com o paradigma educativo presencial, tentando responder às necessidades das várias comunidades de aprendentes e a grupos de docentes, granjeando, tanto quanto possível, a melhor inclusão e mobilidade na sociedade digital em rede. ■

*O Coordenador do Centro Local
de Aprendizagem da
Universidade Aberta*